http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2023.v20.h565
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO HUMANA E ATIVIDADE PEDAGÓGICA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO CULTURAL

Education, human formation and pedagogical activity: a cultural-historical analysis

Educación, formación humana y actividad pedagógica: un analísis histórico cultural

Aliny de Maria Oliveira Barbosa Vieira[1], Eliana de Sousa Alencar Marques[2]

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina - PI, Brasil

RESUMO

Apoiados na tese vigotskiana de que o bom ensino é o que produz desenvolvimento humano, discutimos sobre a atividade pedagógica com vistas a colaborar com a humanização de estudantes. Em suma, cabe-nos esclarecer a seguinte questão: como se constituí a atividade pedagógica na escola com potencial de colaborar com o processo de humanização dos estudantes? Em outras palavras, nos interessa discutir os nexos da relação entre educação, formação humana e atividade pedagógica numa perspectiva crítica e emancipadora, porque não dizer, revolucionária. A pesquisa bibliográfica se fundamenta na Filosofia marxista, na Psicologia Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico Crítica tomando como referência os aportes de Marx e Engels (2009), Vigotski (2004, 1991, 1986), Leontiev (1978), Saviani (2007, 2015), Tuleski, Facci, Barroco (2013) e demais teóricos. Parte da premissa de que a educação é atividade social que medeia a humanização de seres humanos à medida em que favorece a apropriação da sua genericidade. Na escola, essa atividade adquire natureza e intencionalidade pedagógica e colabora com a apropriação de funções psicológicas superiores, impulsionando assim o desenvolvimento de subjetividades críticas e mais desenvolvidas. O processo de apropriação do referido aporte teórico se deu através da busca e análise de materiais impressos (livros), e em bancos digitais de pesquisas, estudos que tratassem especificamente da referida temática deste trabalho.

Palavras-chave: Educação escolar; Transformação; Desenvolvimento humano.

ABSTRACT

Based on the Vygotskian theory that good teaching is the one which produces human development, we discuss pedagogical practice with the purpose of collaborating with the humanization of students. In short, it is up to us to clarify the following question: how is pedagogical activity constituted at school with the potential to collaborate with the process of humanization of students? In other words, we are interested in discussing the links between education, human formation and pedagogical activity from a critical and emancipatory perspective, why not say, revolutionary. The bibliographical research is supported by Marxist philosophy, cultural-historical psychology and Critical Historical Pedagogy taking as reference the contributions of Marx and Engels (2009), Vigotski (2004, 1991, 1986), Leontiev (1978), Saviani (2007, 2015), Tuleski, Facci, Barroco (2013) and other theorists. Based on the assumption that education is a social activity that promotes the humanization of human beings as it favors the appropriation of the genericity. At school, this activity acquires pedagogical intentionality and collaborates with the appropriation of higher psychological functions, thus driving the development of more critical developed subjectivities. The process

[1] Universidade Federal do Piauí, doutoranda do programa de pós-graduação em educação da universidade federal do Piauí, mestre em educação, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico Críticas em Educação e Formação Humana - NEPSH. ORCID id: https://orcid.org/0000-0003-3184-1059 E-mail: alinydemaria@hotmail.com.

[2] Universidade Federal do Piauí, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Professora associada do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, doutora em educação, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico Críticas em Educação e Formação Humana – NEPSH. ORCID id: https://orcid.org/0000-0002-4990-4487 E-mail: esalencar123@ufpi.edu.br.

of appropriating the aforementioned theoretical contribution took place through the search and analysis of printed materials (books), and in digital research banks, studies that specifically dealt with the aforementioned theme of this work.
Keywords: School education; Transformation; Human development.

RESUMEN
Apoyado en la tesis vygotskiana de que la buena enseñanza es la que produce el desarrollo humano, se discute la actividad pedagógica con miras a colaborar con la humanización de los estudiantes. En definitiva, nos corresponde aclarar la siguiente pregunta: ¿cómo se constituye la actividad pedagógica en la escuela con potencial para colaborar con el proceso de humanización de los estudiantes?, es decir, nos interesa discutir los vínculos entre educación, formación humana y la actividad pedagógica desde una perspectiva crítica y emancipadora, por qué no decir, revolucionaria. La investigación bibliográfica se fundamenta en la Filosofía Marxista y la Psicología Histórico cultural y Pedagogía Histórica Crítica tomando como referencia los aportes de Marx y Engels (2009), Vigotski (2004, 1991, 1986), Leontiev (1978), Saviani (2007, 2015), Tuleski, Facci, Barroco (2013) y otros teóricos. Parte de la premisa de que la educación es una actividad social que mediatiza la humanización del ser humano en la medida en que favorece la apropiación de su carácter genérico. En la escuela, esta actividad adquiere carácter e intencionalidad pedagógica y colabora con la apropiación de funciones psicológicas superiores, favoreciendo así el desarrollo de subjetividades más críticas y desarrolladas. El proceso de apropiación del mencionado aporte teórico se dio a través de la búsqueda y análisis de materiales impresos (libros), y en bancos de investigación digitales, estudios que abordaron específicamente el tema mencionado de este trabajo.
Palabras clave: Educación escolar; Transformación; Desarrollo humano.

INTRODUÇÃO

Frente a uma sociedade profundamente desigual, com graves problemas educacionais, discutimos nesse artigo como a educação pode ajudar a transformar essa realidade. Conscientes de que a educação é uma prática social realizada por seres humanos e que, qualquer mudança na realidade objetiva requer humanos com condições subjetivas para realizá-las, abordamos as condições que viabilizam a produção de uma realidade humano social diferente da que vivenciamos na atualidade.

Essa ideia encontra ressonância nas palavras de Kosik (1968, p. 18), quando afirma que "[...] a realidade pode ser mudada de modo revolucionário só porque e só, nós mesmos produzimos a realidade e a medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós." Partindo desse pressuposto, compreendemos que a educação escolar pode favorecer alguma transformação na realidade objetiva, quando professores e professoras conseguem realizar atividades pedagógicas que favoreçam aos estudantes melhores condições de aprendizagem e desenvolvimento humano na escola. Partimos da tese de que a atividade pedagógica adquire uma qualidade diferenciada, podendo ser considerada como atividade pedagógica transformadora/revolucionária, quando medeia, nos estudantes, o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, impulsionando assim, o desenvolvimento de uma consciência emancipada e, por sua vez, colaborando com seu processo de humanização.

A defesa dessa tese encontra fundamentação na concepção de homem como ser sócio histórico e cultural que precisa entrar em atividade com o mundo para objetivar seu processo de humanização. Nesse cenário, as condições sob as quais a relação homem e mundo acontece são determinantes para que isso ocorra. Em se tratando de educação escolar, ocupamo-nos particularmente, em compreender as condições

que possibilitam uma atividade pedagógica adequada ao sucesso da aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Em suma, cabe-nos esclarecer a seguinte questão: como se constituí a atividade pedagógica na escola com potencial de colaborar com o processo de humanização dos estudantes? Em outras palavras, nos interessa discutir os nexos da relação entre educação, formação humana e atividade pedagógica numa perspectiva crítica e emancipadora, porque não dizer, revolucionária.

Para dar conta desse objetivo, realizamos pesquisa de natureza bibliográfica tomando como referência os aportes de Marx e Engels (2009), Vigotski (2004, 1991, 1986), Leontiev (1978), Saviani (2007, 2015), Tuleski, Facci, Barroco (2013) e demais teóricos que sustentam seus argumentos em torno da educação escolar como atividade social que medeia a humanização de homens e mulheres à medida em que favorece a apropriação da genericidade humana. O processo de apropriação do referido aporte teórico se deu através da busca e análise de materiais impressos (livros), e em bancos digitais de pesquisas, estudos que tratassem especificamente da referida temática deste trabalho.

O artigo está organizado em duas seções. Na primeira, refletimos sobre os nexos que explicam a relação entre educação e formação humana. Na segunda seção, nos dedicamos a discutir sobre a natureza e especificidade da atividade pedagógica que impulsiona aprendizagem e desenvolvimento de estudantes na escola, promovendo o que Vigotski (1986) considera o bom ensino. Finalizamos com considerações acerca da defesa da atividade pedagógica transformadora como aquela que medeia processos educativos que favorecem a promoção da formação humana de estudantes em contexto de educação básica, e porque não dizer, com a formação de subjetividades críticas e mais desenvolvidas.

Nexos entre educação e processo de humanização

Nesta seção, tratamos de discutir o processo de constituição do homem em humano mediado pela educação. Nos propomos a discutir esta temática, que abrange a relação entre formação humana e educação, a partir da assertiva de que "[...] o homem não nasce homem. Ele forma-se homem" (Saviani, 2007, p. 154). Tal prerrogativa se sustenta na concepção de homem como produtor das particularidades que o constituem enquanto humano, particularidades que não são dadas naturalmente, mas, produzidas, única e exclusivamente na relação social. Diante disso, problematizamos: como isso acontece? Como nos tornamos humanos na relação com o social? Quais são essas particularidades que legitimam nossa humanidade? Qual o papel da educação nesse processo?

Leontiev (1978) esclarece que é pelo processo de apropriação e objetivação dos produtos da cultura humana que vamos desenvolvendo nossa humanidade, vamos nos apropriando do gênero humano, da nossa genericidade. Vigotski (1991) reforça esse debate quando esclarece que o psiquismo humano tem origem e natureza cultural, e que nossa humanidade é produto das relações sociais que encarnamos historicamente. Para esses teóricos da Psicologia Histórico cultural, a consciência na sua forma mais desenvolvida é produto histórico que o humano desenvolve em atividade significada e teleológica com o mundo natural e social.

Isso quer dizer que quanto mais os seres humanos vivenciam processos sociais em que lhes é possibilitado a apropriação e objetivação dos produtos da cultura humana, sejam materiais, sejam simbólicos, mais essa consciência se expande, se desenvolve, complexificando ainda mais sua relação com a realidade, seja social, seja natural, conforme assevera Marx e Engels (2009, p. 24):

> Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião – por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir seus meios de subsistência *(Lebensmittel*), passo esse que é requerido pela sua organização corpórea. Ao produzirem seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material.

Compreendemos com isso que o processo que confere ao homem sua humanidade é fruto da relação histórica com o mundo sempre mediada pela atividade. Esse processo nada tem de natural, é sempre social e histórico. Tal assertiva é corroborada por Pinto (1979, p. 121), quando afirma que o processo de humanização do homem é, "[...] resultante da complexidade crescente das operações de que esse animal se mostra capaz no trato com a natureza material, e da luta a que se vê obrigado para manter-se em vida". Extraímos do exposto que o processo de produção dos meios de subsistência do ser humano se deu pela necessidade deste de lidar com a natureza para manter-se vivo, de adaptar a natureza a si em vista de suprir suas necessidades, processo mediado por operações realizadas pelo humano que foram se tornando cada vez mais complexas. Essa atividade em que o homem transforma a natureza a fim de atender às suas necessidades, também produz transformações no próprio homem. Tal atividade especificamente humana, chamamos de trabalho.

Conforme Marx e Engels (2009), o trabalho é a atividade humana pela qual o homem se reproduz e reproduz a realidade. Esta perspectiva nos permite apreender que o trabalho constitui a própria essência do homem, é pelo mesmo que o homem exterioriza aquilo que constitui sua essência enquanto humano, pois, é no/pelo trabalho que o homem cria os objetos que garantem sua existência, material e espiritual. Nesse sentido:

> À diferença das atividades naturais, o trabalho se especifica por uma relação mediada entre o seu sujeito (aqueles que o executam, homens em sociedade) e o seu objeto (as várias formas da natureza, orgânica e inorgânica). Seja um machado de pedra lascada ou uma perfuradora de poços de petróleo com comando eletrônico, entre sujeito e a matéria natural há sempre um meio de trabalho, um instrumento (ou um conjunto de instrumentos) que torna mediada a relação entre ambos. E a natureza não cria instrumentos: estes são produtos, mais ou menos elaborados, do próprio sujeito que trabalha (Netto; Braz, 2012, p. 44).

A colocação dos autores nos remete ao entendimento de que o trabalho humano se singulariza em relação às atividades exercidas por outros animais por ser uma atividade intencional, mediada por um por teleológico. Tal mediação possibilita o salto qualitativo que promove o desenvolvimento do homem e aponta para a principal diferença entre o ser humano e os outros animais, que é produzir sua própria existência no bojo de transformação da natureza e construção de objetos/instrumentos culturais.

Por meio da relação mediada com o mundo pelo trabalho o ser humano produz instrumentos técnicos e psicológicos. Esclarecendo, no processo de produção dos seus meios de subsistência o homem cria não só instrumentos materiais como machados, ou artefatos que lhe auxiliem no trato com a natureza, mas produz também instrumentos no campo psicológico, isto é, signos, constructos humanos que medeiam a relação homem/realidade objetivada através do processo de significação que conduz ao desenvolvimento da consciência humanizada. É portanto, a produção de instrumentos materiais e simbólicos que medeia o desenvolvimento humano na sua forma mais complexa.

Assim, ao afirmarmos que pelo trabalho o homem constitui a si mesmo, estamos nos referindo à construção de instrumentos psicológicos que transformam e desenvolvem seu psiquismo e permitem que sua ação no mundo e com o mundo se complexifique cada vez mais. Em síntese, é pelo trabalho que o homem produz instrumentos que medeiam sua atividade, tornando-a cada vez mais complexa e permitindo, assim, o desenvolvimento e a expansão da atividade consciente (Vigotski, 1991).

As formas superiores da atividade consciente estão relacionadas à mecanismos externos, que foram produzidos historicamente pelo homem através do trabalho, estes "[...] são meios historicamente gerados pelos homens para a organização de seu comportamento que vão determinar novas relações entre as partes responsáveis pela atividade cortical" (Tuleski; Facci; Barroco, 2013, p. 286-287).

Vale esclarecer que instrumentos psicológicos são produções humanas artificias, tratam-se de dispositivos sociais destinados a dominar processos psíquicos, assim como a técnica domina os processos da natureza (Vigotski, 2004). São os instrumentos psicológicos produzidos pelo próprio homem na prática social que possibilitam o desenvolvimento de funções psíquicas superiores, e assim, a formação e o desenvolvimento da sua humanidade.

Sobre a relação entre formação humana, trabalho e educação, encontramos em Saviani (2007, p. 154) a asserção de que "a origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo". A assertiva do autor nos conduz ao entendimento de que no processo de produzir-se humano através do trabalho, o homem estabelece sua formação humana, e formar-se implica um processo educativo. O autor acrescenta:

> Diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando- se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie.

O autor expõe que na gênese do processo de humanização os homens já se educavam, pois nesse processo humanizador, conferido no/pelo trabalho na lida com a natureza e na relação que estabeleciam com os outros homens, promoviam também processos educativos, porquanto para estabelecer sua

subexistência os seres humanos vivenciavam verdadeiros processos de aprendizagem através da experiência compartilhada coletivamente.

Nestes processos educativos, os aprendizados que eram considerados como válidos para promoção da existência eram preservados, para que se perpetuasse a espécie. Dessa maneira, os frutos validados pela experiência, eram transmitidos às futuras gerações, em detrimento dos que não eram validados, os quais inutilizados perdiam valor social e se extinguiam ao longo do tempo.

Destacamos que essa relação entre educação e trabalho desvelada por Saviani (2007), se deu ainda no berço de existência da humanidade, em contexto das comunidades mais primitivas estabelecidas pelos seres humanos. Tal realidade instituída nessas sociedades revelam as bases fundantes da relação histórico-ontológico entre trabalho e educação (Saviani, 2007). O cenário exposto descortina que a relação entre educação e trabalho por ser ontológica, conforme afirma Saviani (2007), é uma relação de identidade, pois, o processo de produção do homem é também o processo em que estes educam a si e aos outros. Nesse sentido, educação e trabalho são categorias que se relacionam dialeticamente para conferir ao homem sua formação humana humanizada.

O trabalho nesta perspectiva se constitui como processo formativo mediador do desenvolvimento da consciência humana. Porquanto, confere aos homens a possibilidade de realizar a objetivação e apropriação das produções humano-genéricas através das relações estabelecidas com o meio e com os seus pares, pelas quais seu desenvolvimento é possível. O trabalho é, portanto, a base material da consciência dos seres humanos, meio pelo qual se compreende concretamente seu desenvolvimento histórico e social. (Marques; Carvalho, 2015).

Sobre isso, encontramos nos escritos de Marx e Engels (2009, p. 31) a seguinte elucidação:

> A produção das ideias, das representações, da consciência está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparece aqui ainda com direta exsudação [...] do seu comportamento material.

Apoiado nessa ideia, Vigotski (1896-1934) desenvolve o conceito de situação social de desenvolvimento para sustentar sua tese de que o homem é o conjunto de relações socais que encarna. Ou seja, ao procurar explicar como se forma e se constitui o psiquismo humano na sua forma de expressão mais superior, isto é, a consciência, o psicólogo soviético se apoia nos fundamentos do materialismo histórico e dialético,

> Para explicar esse movimento histórico de constituição do humano concreto, ou seja, de um humano que não nasce pronto e que encontra no social todos os instrumentos que poderão ou não possibilitar o seu desenvolvimento, Vigotski se dedica a compreender e explicar como a existência (vida real) determina a essência (modo de ser), em outras palavras, como o curso da nossa vida determina o que somos (consciência). Para dar conta dessa questão, Vigotski recorre aos fundamentos do materialismo histórico dialético, mas precisamente, à categoria atividade (Marques, 2022, p. 17. grifo do autor).

É na categoria atividade que Vigotski se apoia para esclarecer que toda relação que os seres humanos estabelecem com o mundo é significada. Os significados e sentidos se constituem como as grandes mediações entre os seres humanos e a realidade, são eles que garantem ao homem a possibilidade de desenvolvimento de uma consciência humanizada. Explicando melhor, o desenvolvimento da consciência humana se dá pela apropriação e objetivação dos significados, isto é, generalizações produzidas socialmente que, aliadas aos sentidos pessoais, produtos da nossa relação afetiva com a realidade, medeiam transformações psicológicas fundamentais ao desenvolvimento humano. E quais as implicações disso para a educação escolar?

Saber dessa relação entre significado e sentido é condição fundamental para que professores e professoras organizem atividades pedagógicas com potencial de elevar as chances de os estudantes produzirem uma consciência mais desenvolvida acerca da realidade. Saber que o desenvolvimento da consciência humana é o que viabiliza a expansão das relações sociais, afetivas e cognitivas, portanto, humanas, é a chave do processo educativo que precisa ser apropriado e desenvolvido por educadores, quando estes são comprometidos com a humanização dos estudantes. Como deve se constituir essa atividade, é o que vamos discutir a seguir.

A atividade pedagógica mediando a formação humana na escola

Até aqui nos dedicamos a refletir sobre a educação enquanto atividade universal que forma nossa humanidade. Pelo exposto vimos que essa atividade se consubstancia socialmente, por meio das experiências que são partilhadas coletivamente. Destarte, se a educação na sua forma mais ampla promove a apropriação da cultura de modo geral, por meio das trocas sociais, na sua forma mais específica ela pode direcionar a máxima humanização dos seres humanos, isto é, o desenvolvimento de qualidades complexas que melhoram as relações dos seres humanos com o mundo natural e social. Estamos falando da educação escolar que tem como função social garantir o desenvolvimento psicológico humano na sua forma mais desenvolvida (Vigotski, 1991, 2004; Saviani, 2015; Martins, 2011).

Para tanto, a educação escolar deve possibilitar aos indivíduos a apropriação das generalizações humanas produzidas historicamente, como forma de promover a formação da sua segunda natureza que lhes possibilita se desenvolver como ser humano humanizado (Saviani, 2015). Tal desenvolvimento se dá através do salto qualitativo que está atrelado ao desenvolvimento de funções psicológicas elementares que avançam para superiores e promovem uma reorganização na estrutura da consciência (Vigotski, 2004).

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores se apresenta como “a transformação de meios de comportamento social em meios de organização psicológica individual” (Tuleski; Facci; Barroco, 2013, p. 289). Isto porque estas funções psicológicas surgem como necessidades oriundas do meio social, construídas na interação entre os indivíduos, e posteriormente, passam a fazer parte do arsenal psíquico de cada um, individualmente (Tuleski, 2008).

Essa assertiva nos ajuda a compreender que a consciência individual se desenvolve a partir da consciência social, coletiva. Isto porque, o processo de internalização dos meios de comportamentos sociais geram mudanças psicológicas, as quais ocorrem através do desenvolvimento de novos sistemas psicológicos formados por relações estabelecidas entre funções que antes não se relacionavam, promovendo a reorganização destas e, assim, a expansão da consciência, em outras palavras,

> O processo de aquisição das particularidades humanas, isto é, dos comportamentos complexos culturalmente formados, demanda a apropriação do legado objetivado pela prática histórico-social. Os processos de internalização, por sua vez, se interpõem entre os planos das relações interpessoais (interpsíquicas) e das relações intrapessoais (intrapsíquicas); o que significa dizer: instituem-se a partir do universo de objetivações humanas disponibilizadas para cada indivíduo singular pela mediação de outros indivíduos, ou seja, por meio de processos educativos (Martins, 2011, p. 212. grifo do autor).

Nesse sentido, a educação escolar que tem como horizonte a formação humana dos alunos, se objetiva através de ações que possibilitem o desenvolvimento de particularidades no comportamento exclusivamente humanas. E quais são essas particularidades que legitimam nossa humanidade? Segundo Vigotski (2018), estas particularidades são as funções psicológicas superiores, relações sociais internalizadas, relações sociais que são reconstruídas no plano psíquico, daí, a importância das situações sociais vivenciadas na escola, e dos conhecimentos apropriados em sala de aula, para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. É sobre isso que Vigotski (1991) fala quando menciona que o bom ensino é aquele que promove aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, todo bom ensino é aquele que cria situações sociais e socializa conhecimentos que irão se converter em funções psicológicas superiores.

Nesse sentido, podemos compreender ainda que a formação humana dos alunos se circunscreve sob a dialética subjetividade-objtetividade, sendo que este processo formativo não pode ser estabelecido de outra maneira se não pela mediação do outro, pois um aluno "[...] só pode se tornar homem se incorporar em sua própria subjetividade formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convivem" (Saviani, 2004, p. 16). Na direção que aponta o autor, cabe ao professor planejar e desenvolver ações que colaborem com desenvolvimento das máximas potencialidades humanas pelos alunos, através da objetivação daquilo que é produto do gênero humano, para que possam constituir modos de ser, sentir e agir, isto é, construir sua subjetividade (Saviani, 2004).

Assim, nesse processo educativo, o aluno deve ser considerado como sujeito concreto, que "sintetiza em si as relações sociais próprias da sociedade em que vive e em que se dá o processo de sua educação" (Saviani, 2004, p. 16). Nesse sentido, quanto mais relações o aluno estabelece com o real por meio da atividade pedagógica, quanto mais acesso aos elementos da nossa cultura e sociedade, quanto mais os professores e professoras trouxerem para sala de aula objetivações humanas nas usas formas mais desenvolvidas, quanto mais a escola promover situações e criar as condições para que os alunos se

apropriem dos objetos da cultura, mais potencial de humanização esta atividade terá. Nessa perspectiva, rompe-se com a ideia de que o desenvolvimento do ser humano encontra-se atrelado as suas condições naturais, biológicas. Essa ideologia cede lugar para a compreensão de que a humanização dos seres humanos é produto das condições de acesso aos bens culturais que são produzidos pela humanidade e distribuídos socialmente.

Corroborando com essa ideia, encontramos em Antunes (2018), uma produção que tangencia a discussão acerca da educação para a humanização. Lançando mão dos escritos de Marx e Engels (2009), o autor expõe a necessidade do desenvolvimento de uma educação revolucionária. Segundo ele:

> Um processo formativo revolucionário precisa, dentro de suas possibilidades, confrontar não apenas a unilateralidade coisificada imediata da formação para o trabalho alienado, mas precisa, também e talvez até sobretudo, ao permitir à classe trabalhadora o acesso ao conhecimento pela humanidade produzido e acumulado – mediadamente advindo de trabalho –, garantir que este acesso se dê de um ponto de vista consciente de classe (Antunes, 2018, p. 163).

Da exposição do autor, é possível compreendermos o caráter político e social de uma proposta educacional para a formação humana, pois, esta sinaliza para a necessidade de emancipação do homem. Emancipação que se dá por uma transformação no plano pessoal e social, estabelecida através de um processo educativo-formativo revolucionário.

Esse processo formativo deve pautar-se na superação das condições reais do contexto social através do confronto à formação do homem para o trabalho alienado. O referido confronto se dá pelo acesso dos sujeitos aos conhecimentos críticos produzidos e acumulados histórica e socialmente, possibilitando assim, a relação dos sujeitos com o que é social, histórico, com aquilo é produto e meio de produção da genericidade humana.

É salutar destacarmos que a objetivação de uma atividade pedagógica para a formação humana, visa formar os sujeitos para atuarem na sociedade, não com vistas a sua adaptação, mas para a sua transformação. Diante disso, consideramos necessário destacar que a atividade pedagógica por si só não garante "[...] um processo revolucionário já efetivado e uma sociedade emancipada já constituída [...]" (Antunes, 2018, p. 165). Este entendimento revela que a promoção da atividade pedagógica com vistas a emancipação dos sujeitos não é sozinha a mediação que possibilita a transformação radical do contexto social circundante, mas, este tipo específico de atividade pedagógica promove a instrumentalização para as transformações necessárias ao alcance de uma outra forma de sociabilidade que supere a sociedade alienada.

A assertiva do autor chama atenção para o entendimento de que o processo formativo de uma educação para a formação humana parte da realidade concreta, ou seja, do contexto social de classes que vivenciamos, e que nesse contexto, a educação mesmo que humanizadora, por si só não dá conta de promover efetivamente a transformação social. Diante disso nos questionamos: se a educação por si só não é capaz de promover o processo de transformação social, como é possível alcançar tal transformação?

Entendemos a educação como um complexo social designado para a promoção da formação dos sujeitos para que estes possam integrar e agir sobre a sociedade. Isto porque, são os homens que transformam a realidade, pois, produzem suas condições materiais de vida (Marx; Engels, 2009). “A educação, portanto, não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática” (Saviani, 1999, p. 82).

A educação que se ocupa em mediar a formação humana, medeia o desenvolvimento de subjetividades humanas com condições de compreender o que é necessário para se produzir uma realidade diferente do que se tem. Essa é a processualidade que permite aos humanos agirem de forma revolucionária, porque o conhecimento acerca da realidade e de como esta se constitui é o ponto de partida necessário para qualquer projeto que visa transformar radicalmente a realidade posta. Nesse sentido, a educação apresenta-se como produtora de possibilidades para a transformação da realidade humano social.

Entendemos que esse processo formativo humanizador tem como base a realidade material concreta, assim, nos interessa encontrar respostas para a seguinte problemática: é possível promover tal processo formativo na configuração social que vivenciamos?

Partindo da perspectiva Marxiana de incorporação do velho para a superação do mesmo em vista do novo, Antunes (2018) aponta a necessidade de incorporar as potencialidades concretas da educação promovida no presente contexto social, em vista de superá-la. Nesse sentido, entendemos que um processo formativo humanizador é possível de ser promovido no contexto que vivenciamos, através da incorporação das potencialidades apresentadas por ele, buscando estabelecer o máximo de relações possíveis com a realidade concreta, em vista de apreender as mediações que integram a mesma para compreendê-la em essência a fim de superá-la.

À luz da discussão desvelada até aqui, compreendemos que a formação humana é um processo que deve ser mediado pela educação. No entanto, não é qualquer tipo de educação que dá conta de promover efetivamente a humanização dos homens. Para tal, é necessária a promoção de um processo formativo que possibilite a relação dos alunos com a totalidade social, pois, é em relação com as objetivações sociais e culturais que os seres humanos se desenvolvem.

Em face dessa prerrogativa, destacamos que o referido processo formativo humanizador só pode ser desenvolvido por meio de atividade humana, já que é em atividade que o homem se relaciona com o mundo e com seus pares. Já vimos que o trabalho é a atividade humana específica que possibilita tal relação e assim o desenvolvimento humano. Mas, especificamente tratando da educação escolar, consideramos que a atividade capaz de mediar a formação humana dos estudantes se caracteriza como atividade pedagógica crítica e transformadora.

Estamos chamando de atividade pedagógica transformadora aquela com potencial de desenvolver nos estudantes funções psicológicas superiores que medeiam a relação emancipada com o mundo. Relação emancipada passa pelo desenvolvimento de uma consciência crítica e capacidade de

compreensão da realidade. É esse tipo de atividade pedagógica que compreendemos como potente de humanização e que vai de encontro ao projeto de educação hegemônico em nossa sociedade para superá-lo, o qual, longe de educar para emancipar os jovens, promove a formação para o ajustamento, a aceitação e a adaptação passiva da realidade. Estamos falando da superação do projeto de educação alicerçado na pedagogia das competências que, segundo Duarte (2008), faz parte da corrente educacional contemporânea de pedagogias do "aprender a aprender", que cumpre dignamente papel alienador e fetichizado na formação dos indivíduos na escola de educação básica (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Numa sociedade dominada por fake News, pela radicalização, pelo culto ao ódio, ao armamento, pelo crescimento de movimentos nazifascistas de extrema direita que pregam o ódio às minorias, é fundamental uma educação que instrumentalize os jovens para a leitura crítica e radical da realidade. A luta que deve ser empreendida pelos educadores comprometidos com a máxima humanização passa pela criação das condições de objetivação de uma atividade pedagógica que medeie o desenvolvimento de funções psicológicas que permitam aos jovens pensar, sentir e agir no sentido de superar tal realidade alienada e alienante presente na sociedade capitalista.

Isso requer lutar incessantemente, portanto, contra a pedagogia das competências que nada mais é do que a pedagogia que cumpre a agenda da sociedade capitalista, ajudando a manter e aprofundar as desigualdades sociais que impedem que milhares de jovens tenham condições adequadas de desenvolvimento humano. Destarte, assumir uma pedagogia que se comprometa com a transformação da realidade social é uma das condições objetivas fundamentais para realizar as transformações que nossa sociedade necessita. E como planejar, organizar e sistematizar essa atividade pedagógica? Que ações didáticas podem ser planejadas com essa finalidade?

O planejamento, organização e sistematização de tal atividade exige o alicerce de uma teoria pedagógica comprometida com a emancipação dos sujeitos históricos. É nesse sentido que educadores comprometidos com uma educação escolar em nossa sociedade têm se organizado em torno de uma pedagogia de base marxista, como a pedagogia histórico-crítica. Essa pedagogia encontra na filosofia marxista e na psicologia histórico cultural os fundamentos teóricos e metodológicos capazes de orientar uma didática que possibilite levar os jovens à compreensão da realidade como processo histórico. Entender a realidade como processo histórico, como produção que emana das ações humanas é condição fundamental para que os jovens que frequentam a escola aprendam desde cedo a não naturalizar as desigualdades sociais, a fome, a miséria, o abandono, o ódio às minorias, a violência de gênero, o racismo estrutural, dentre outras situações de discriminação e preconceito presentes na sociedade.

É nesse sentido que Galvão, Lavoura e Martins (2019, p. 85), recuperam de Saviani as orientações acerca dos "três elementos cruciais que deverão pautar todo o processo educacional, especialmente o trabalho didático: conteúdo, forma e os sujeitos do processo educativo." Gostaríamos de acrescentar a essa lista, os objetivos educacionais e a avaliação da aprendizagem. Sobre os objetivos educacionais, são estes que dão o tom da intencionalidade pedagógica, haja vista que o caráter pedagógico da prática educativa

denota a explicitação dos fins e dos meios que conduzem as funções de professores e alunos em direção estabelecida (Bandeira; Marques, 2023).

Em relação à avaliação da aprendizagem, este é o elemento da ação didática que permite ao docente criar as condições de reflexão acerca do que precisa ser analisado e repensando na atividade pedagógica que viabilize formas adequadas aos processos de apropriação e objetivação dos conteúdos apreendidos na atividade pedagógica. É por meio dessa síntese, objetivos, conteúdo, forma, sujeito e avaliação da aprendizagem que a atividade pedagógica se revela em sua totalidade, ajudando o docente a rever suas prioridades, suas falhas, seus acertos e seus avanços. (Bandeira; Marques, 2023).

Considerando esses elementos destacados, entendemos que uma atividade pedagógica com vistas a emancipação dos sujeitos, precisa definir objetivos educacionais que reflitam essa realidade. Em termos práticos, os objetivos educacionais devem prever ações dos alunos que lhes assegure compreender a realidade para além da sua cotidianidade. Analisar a realidade e conhecê-la para além da cotidianidade é um comportamento que precisa ser educado nos nossos jovens. Entender a realidade para além da sua manifestação fenomênica, ser capaz de enxergar a face oculta da lua e não sua face visível (Saviani; 2015), essa deve ser a finalidade precípua de uma atividade pedagógica que tem como objetivo educacional desenvolver nos jovens funções psicológicas que lhes capacitem ir além do imediato, desenvolvendo a capacidade de realizar uma leitura crítica acerca do real, sair do plano imediato da realidade e captar as contradições que a realidade esconde.

Em termos de conteúdo, é primordial a valorização dos saberes em forma de bens culturais que guardam o potencial instrumentalizar os sujeitos sociais na luta contra a desigualdade de oportunidades, como assevera Severino (1986, p. 98):

> O acesso ao saber, aos bens culturais em geral, é de fundamental importância para as classes subalternas. Ele lhes dará instrumentos e recursos de luta contra a dominação. Por isso, a escola pública, aberta e igualitária, é uma necessidade para essas classes, mesmo enquanto estiverem organizadas e orientadas pelas classes dominantes hegemônicas. Por outro lado, a luta das classes subalternas pela educação não deve visar apenas a quantidade, ou seja, o acesso e a permanência na escola cada vez para o maior número, mas também a qualidade, isto é, o acesso ao melhor saber, a todos os bens culturais. E sempre desconfiar do argumento de que, para classes subalternas, o currículo deve ser aligeirado, tirando-se dele a queles componentes culturais aparentemente irrelevantes para elas, dado sua alegada complexidade.

Aos docentes comprometidos com esse projeto de transformação, elucidamos a necessidade de adoção de uma atividade pedagógica coerente com a Pedagogia Histórico Crítica que passa pela problematização do real, pois apresenta para o seio da atividade pedagógica a realidade objetiva nas suas múltiplas determinações.

É partindo desse conteúdo (prática social) e dessa forma (problematização do real) que a atividade pedagógica na pedagogia histórico-crítica cumpre a finalidade de promover educação humanizadora, porque se constitui de ações que são planejadas com a intencionalidade de levar os

estudantes ao desenvolvimento da consciência desenvolvida acerca do real, isto é, de uma consciência crítica e emancipada.

Para tanto, destacamos ser necessário também que os professores tenham vivenciado ou vivenciem processos formativos capazes de promover o desenvolvimento de suas consciências, transformando-as em críticas, emancipadoras, consciências também humanizadas. Isto porque, a atividade pedagógica capaz de promover formação humana, não se dá de qualquer maneira.

Partindo do pressuposto de que qualquer atividade humana precisa de condições objetivas e subjetivas para serem desenvolvidas, nos atemos a uma das condições mais pertinentes para o desenvolvimento de uma educação humanizadora, que é a formação dos professores que estão nessa atividade. Pois, os professores se constituem como sujeitos ímpares no desenvolvimento de um processo educativo para a formação humana, é importante atentarmos à formação vivenciada por eles, pois, para a promoção de tal processo educativo, é necessária a formação de profissionais que possam contribuir no desenvolvimento da sociedade (Carvalho; Araújo; Marques, 2015).

Desta maneira, para a objetivação da atividade pedagógica com potencial de humanizar é salutar que os professores vivenciem processos formativos que também caminhem nessa direção. E que formação seria essa? No mínimo, uma formação que lhes possibilite, segundo Marques (2019), assumir a defesa da escola pública laica e democrática e da sua legitimação como espaço onde são produzidas as condições para que professores e alunos sistematizem ações educativas com vistas a alcançar o desenvolvimento social, cultural e, consequentemente, humano com vistas a superar todo tipo de desigualdade e injustiça social. Enfim, uma formação profissional também humanizadora.

CONCLUSÕES

A discussão desvelada neste artigo partiu do pressuposto de que para superar uma sociedade tão profundamente desigual como a brasileira, é preciso que se tenha humanos em condições de promover as mudanças necessárias. Com base nos aportes da Filosofia Marxista e da Psicologia Histórico cultural entendemos que o fato histórico de não nascermos humanos exige que passemos por um processo no qual seja possível o desenvolvimento dessa humanidade. Esse processo é a educação. A Educação, portanto, é processo social a partir do qual aprendemos a ser humanos, isto é, nos apropriamos do gênero humano.

No contexto escolar, vimos que o referido movimento de humanização é estabelecido por intermédio de um tipo específico de atividade pedagógica, considerada transformadora, por possibilitar processos formativos concretos de aprendizagem e desenvolvimento humano dos estudantes que dela participam, investindo sobretudo na apropriação de conteúdos que levem à formação de uma consciência crítica emancipada. Em síntese, a educação para formação humana é aquela com condições de desenvolver pensamento crítico, linguagem, emoção, criatividade, cognição, consciência, enfim, funções psicológicas que possibilite aos jovens desenvolver formas de ação capazes de superar as condições de existência. Nesse

sentido, advogamos por uma educação que longe de ensinar o ser humano a se adaptar, o ensine formas de revolucionar o real.

Compreendemos que este trabalho se constitui como discussão profícua acerca do que constitui a atividade pedagógica transformadora, e do seu respectivo potencial de transformação que a particulariza como atividade capaz de promover processos de desenvolvimento humano e social. Entretanto, destacamos que o estudo acerca desta temática, se revela desafiador, suscitando novas necessidades investigativas, novas questões, por exemplo, quais as condições necessárias para o desenvolvimento deste tipo de atividade pedagógica na educação básica da rede pública de ensino? Como devem se constituir os processos formativos vivenciados por professores em formação inicial ou continuada, com vistas a alcançarem o desenvolvimento de tais atividades na escola? Essas questões despontam no horizonte como alternativas para pesquisadores brasileiros que se dediquem a continuar produzindo conhecimento acerca da relação entre educação e formação humana no contexto escolar como forma de promover transformações concretas a nível educacional e social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Caio. **A escola do trabalho:** formação humana em Marx. Campinas: Papel Social, 2018.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. Planejamento colaborativo: Necessidade e possibilidade no trabalho docente no Ensino Superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, p. e023028, 2023. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16173. Acesso em: 05 maio 2023.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme; ARAÚJO, Francisco Antonio Machado; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. Questões sobre formação e trabalho docente na educação básica e no ensino superior. *In:* ARAÚJO, Francisco Antonio Machado; ALBUQUERQUE, Maria Ozita de Araujo; CARVALHO, Maria Vilani Cosme. **Formação e trabalho docente:** educação básica e superior em questão. Teresina: Edufpi, 2015. p. 19-27.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. **Fundamentos da didática histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARQUES Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO; Maria Vilani Cosme. Atividade docente bem sucedida como objeto de pesquisa: contribuições a partir da psicologia sócio-histórica. *In:* ARAÚJO, Francisco Antonio Machado; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. **Educação em Pesquisas:** reflexões teóricas e relatos de pesquisas em educação. Teresina: Edufpi, 2015. p. 53-68.

MARQUES, Eliana De Sousa Alencar. Educação para formação humana: prática de enfrentamento em meio à crise da democracia brasileira. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, n. 42, p. 51-69, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/. Acesso em: 05 maio 2023.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. Vigotski e as bases da psicologia do homem e da realidade concreta. *In:* TEIXEIRA, Cristiane de Souza Moura; ARAÚJO, Neuton Alves de. **Psicologia Sócio-Histórica**: das discussões teóricas às pesquisas em educação. Curitiba, SC: Editorial Casa, 2022. p. 15-30.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica. 2011. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista: Bauru, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política:** uma introdução crítica. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Demerval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. *In:* DUARTE, Newton (org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/. Acesso em: 05 maio 2023.

SAVIANI, Demerval. Sobre a natureza e a especificidade da Educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun., 2015. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal. Acesso em: 05 maio 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. 5 ed. São Paulo: EPU, 1986. p. 59 – 103.

TULESKI, Silvana Calvo. **Vygotski:** a construção de uma psicologia marxista. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008.

TULESKI, Silvana Calvo; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sônia Mari Shima. Psicologia Histórico-cultural, marxismo e educação. **Revista Teoría y crítica de la psicologia**, v. 3, p. 281-301, 2013.

PINTO, A. V. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, 1986. *Ebook.* Disponível em: http://institutoelo.org.br/site/files/publications/5157a7235ffccfd9ca905e359020c413.pdf. Acesso em: 05 maio 2023.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **Formação social da mente**. São Paulo, 1991.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

Submetido: 09/05/2023
Correções: 16/09/2023
Aceite Final: 22/09/2023